



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EJA E PRIVADOS DE LIBERDADE

Graciela da Silva Meirelles Leite

**Representações Docentes na Educação de Jovens e Adultos: em
Busca de Significados**

Porto Alegre
2. Semestre
2012

Graciela da Silva Meirelles Leite

**Representações Docentes na Educação de Jovens e Adultos: em
Busca de Significados**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em EJA e Privados de
Liberdade do Programa de Pós Graduação
em Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Laura Souza Fonseca

Porto Alegre
2012

À Ana, minha mãe, que me encorajou e
acompanhou minha caminhada na
concretização de mais um sonho.

Ao concluir este trabalho tenho muito a agradecer...

... Principalmente à minha mãe, que, talvez sem perceber, me ensina todos os dias a importância da formação continuada;

... À pessoa que, durante a elaboração deste trabalho, pacientemente compreendeu minhas angústias: meu esposo tão amado Artur;

... À minha querida filha Maiara, ser tão pequenino, com quem aprendo valiosas lições de amor;

... À minha querida irmã que me auxiliou na bibliografia;

... À professora Laura Souza Fonseca, pessoa admirável, que generosamente compartilhou comigo sua sabedoria e compreensão. Manifesto, mais uma vez, todo o meu orgulho em ser sua orientanda.

RESUMO

É do espaço do Curso de Especialização em EJA e Educação de Privados de Liberdade ao qual é destinado o presente trabalho que emerge a questão desta pesquisa. No decorrer do curso chamou-me atenção e causou estranhamento a ideia que alguns professores da EJA expressavam sobre os estudantes através de suas falas argumentativas. O aporte escolhido foi a Teoria das Representações Sociais, tal como proposta por Moscovici (1978) devido a sua especificidade nos estudos de fenômenos sociais que circulam e orientam as ações de grupos, além de se constituir como pertinente para compreender os sentidos atribuídos pelos professores ao ser discente. A opção metodológica envolve a aproximação ao método da dialética materialista histórica, levantamento bibliográfico em relação ao que já se produziu e ao que se vem produzindo atualmente sobre o tema “Representações docentes”. Participaram do estudo 8 docentes inseridos na faixa etária entre 24 e 49 anos; todos com formação superior, e com tempo de atuação oscilando entre 03 e 12 anos na EJA. Os dados foram coletados por meio de questionários e a partir da análise verificou-se que diversos elementos como a formação docente, as condições de trabalho desses profissionais, o conhecimento da realidade e valorização da cultura dos estudantes da EJA e ainda a relação dos educandos da EJA com o saber interferem nessas representações sociais. Desses elementos decorrem as três categorias a partir das quais se constituiu a análise: Desafios dos Professores da EJA, Currículo da EJA e Juventude. Os resultados constituem um alerta para que, por meio de políticas públicas, se resgate a valorização e o reconhecimento social dos docentes investindo-se primordialmente na formação específica do profissional da EJA. Atrelada a essa condição está a prática educativa como possibilidade de alteração do panorama atual a favor da educação popular.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos, Representações Sociais, Educação Popular.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 HISTÓRICO DA EJA	10
2 REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOCENTES EM RELAÇÃO AOS EDUCANDOS DA EJA	15
2.1 “NÃO TER NOÇÃO DE QUASE NADA” SIGNIFICA FALTA DE CONHECIMENTOS POR PARTE DOS ESTUDANTES?	19
2.2 “NÃO QUERER NADA COM NADA” DENOTA FALTA DE UM PROJETO DE VIDA OU DESINTERESSE PELO CONHECIMENTO?	20
2.3 QUE MENSAGEM É PASSADA PELOS EDUCANDOS DA EJA QUANDO “ATRAPALHAM” A AULA?	21
3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	23
3.1 OS ELEMENTOS FORAM EVIDENCIADOS EM TRECHOS COMO OS CITADOS A SEGUIR:	24
3.1.1 Elementos Relacionados à Formação Docente.....	24
3.1.2 Elementos relacionados com às condições de trabalho dos professores da EJA	25
3.1.3 Elementos relacionados ao conhecimento da realidade e valorização da cultura dos estudantes da EJA	27
3.1.4 Elementos associados à relação dos educandos da EJA com o saber	27
3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE:	29
3.2.1 Desafios dos Professores da EJA.....	29
3.2.2 Currículo da EJA	31
3.2.3 Juventude	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41
APÊNDICE A - Questionário:	41
APÊNDICE B - Quadro resumo das respostas dos professores da EJA:	46
APÊNDICE C - Síntese dos Dados	53
ANEXOS	55
ANEXO A – Questionários respondidos:	55

INTRODUÇÃO

Um curso de especialização destinado a 45 profissionais atuantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Privados de Liberdade é sem dúvida um espaço inesgotável de vivências e de trocas de experiências. Ambiente do qual, com certeza, se sai com muitas aprendizagens relativas não só aos objetivos aos quais o curso se propôs, mas também relativos às práticas e às realidades das pessoas envolvidas no curso.

É desse espaço que emerge a questão desta pesquisa: o curso de Especialização em EJA e Educação de Privados de Liberdade ao qual é destinado esse trabalho.

No decorrer do curso chamou-me atenção e causou estranhamento a ideia que alguns professores¹ da EJA expressavam sobre os estudantes através de suas falas cada vez que o assunto tratado era o cotidiano escolar, a juvenilização ou a prática docente. Falas do tipo:

“-Eles não querem nada com nada!”

“-Eles não tem noção de quase nada!”

“-Eu digo para os alunos:

-Se é para atrapalhar, é melhor ficar em casa!”

Apesar da incidência dessas falas não serem exclusividade na EJA, já que trabalho com o ensino fundamental e também tenho me deparado com falas semelhantes no ambiente escolar, vou me deter nessa modalidade de ensino, pois o foco do trabalho é a EJA.

É importante ressaltar que os sujeitos referidos nas falas dos professores da Educação de Jovens e Adultos são os estudantes mais jovens da EJA que não colaboram com as aulas. Segundo esses professores, não colaborar significa chamar atenção dos colegas com outros assuntos que não estão no contexto da aula, ficar mexendo no celular, usar fones de ouvido e não contribuir com a sua

¹ Será utilizado o masculino plural para designar a heterogeneidade dos sexos das categorias de pessoas mencionadas ao longo do texto, tais como professores, estudantes, jovens.

opinião para o enriquecimento das aulas. Pensando nisso surgiram alguns questionamentos:

“Não ter noção de quase nada” denota falta de conhecimento dos jovens estudantes da EJA?

“Não querer nada com nada” significa ausência de um projeto de vida?

“Atrapalhar” significa mesmo perturbar o andamento da aula?

Diante disso, o aporte escolhido foi a Teoria das Representações Sociais, tal como proposta por Moscovici (1978) devido a sua especificidade nos estudos de fenômenos sociais que circulam e orientam as ações de grupos, além de se constituir como pertinente para compreender os sentidos atribuídos pelos professores ao ser discente.

As falas dos professores se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana - o comportamento dos estudantes da EJA - ou seja, como uma maneira de representar socialmente por meio da linguagem os discentes.

De acordo com o autor que propõe a teoria, “Toda a representação é composta de figuras e expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são ou se nos tornam comuns”. (Moscovici, p. 25).

Dentre os objetivos do trabalho estão: investigar possíveis causas das posturas dos estudantes da EJA identificadas pelos professores nas suas falas; problematizar o quanto essas falas servem aos interesses do sistema capitalista e identificar as perspectivas de mudanças necessárias para que haja uma reversão da situação descrita a favor da Educação Popular.

No que tange à metodologia, opto por uma aproximação do método da dialética materialista histórica por acreditar no seu teor político, no sentido da ação mobilizadora deste caminho a ser seguido, que não se reduz a um método em si, mas extrapola em uma postura e em uma práxis, conforme salienta FRIGOTTO (1991).

Para entender os sentidos atribuídos pelos professores ao ser discente como síntese de múltiplas determinações, alguns dados (falas) referentes ao contexto do fenômeno foram colhidos durante o período de 2011, no decorrer do curso ao qual se destina este trabalho.

Foi realizado também um levantamento bibliográfico inicial em relação ao que já se produziu e ao que se vem produzindo atualmente sobre o tema “Representações docentes”. No entanto os trabalhos encontrados diziam respeito, em sua maioria, a representações sobre a docência, profissão ou eram relacionados às questões de gênero, raça, cor etc. Especificamente sobre as representações docentes em relação aos discentes, não foi encontrado nenhum trabalho. Logo, a revisão bibliográfica foi extremamente relevante na análise do material coletado, no intuito de dar conta dos elementos que lá apareceram.

Participaram do estudo 8 docentes inseridos na faixa etária entre 24 e 49 anos; todos (as) com formação superior, e com tempo de atuação oscilando entre 03 e 12 anos na EJA. O número de pessoas contatadas via e-mail e convidadas a participarem da pesquisa somam um total de 18, no entanto apenas 8 devolveram o questionário preenchido no prazo solicitado e uma enviou fora do prazo não sendo incluída no estudo, já que a análise se encontrava em estágio avançado.

Para escolha dos professores considerou-se a participação no Curso de Especialização em EJA e Educação de Privados de Liberdade oferecido pela FACED/UFRGS no período de 2011/2012 na cidade de Porto Alegre, do qual eu participei como estudante. A opção pelo grupo se deve ao fato deste ter sido campo de formação profissional de constantes e intensas reflexões sobre a prática na Educação de Jovens e Adultos.

A abordagem do estudo é qualitativa por compreender que ela “se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados” (Minayo, 2000, p. 24). Optou-se pelo uso de questionários enviados eletronicamente via e-mail para coleta de dados, com o objetivo de conhecer o que os sujeitos pensam sobre o tema apresentado, assim como explicitar congruências e incongruências da realidade.

1 HISTÓRICO DA EJA

O campo da Educação de Jovens e Adultos tem uma longa história que não pode ser desconsiderada aqui e em nenhuma outra circunstância que se mencione a EJA, pois, como nos chama atenção GAMBOA (2007), a compreensão do fenômeno depende da recuperação de sua história para que possamos nos apropriar do processo de evolução e transformação dos fatos numa relação histórica entre o presente e o passado.

FONSECA (2008) aponta elementos importantes que nos ajudam a entender as interfaces da educação com o processo de trabalho e a economia ao longo do tempo. Ela chama atenção para as novas funções que vão se definindo para a educação escolar e profissional com as transformações das estruturas produtivas no âmbito industrial. Nesse contexto ela afirma:

Na relação trabalho e educação, apreendemos que há funcionalidade desses processos (escolar e profissional) aos diferentes padrões de acumulação na produção de superpopulação relativa, quer como exército de reserva, exército industrial de reserva, desempregados/os estruturais, sobrantes no/do modo de produção. Por isso, há intencionalidade em excluir as classes que vivem da venda de sua força de trabalho, nos diferentes tempos históricos de uma formação humana que, ao preparar para a vida, constitui lastros formadores para a inserção no mundo do trabalho. O trabalho, em sua perspectiva ontológica, como organizador da vida é princípio educativo: o que também significa a constituição de vidas precárias a partir de imersão em processos e relações de trabalho precárias. (FONSECA, 2008, p. 77)

HADDAD (1992) salienta que a EDA (Educação de Adultos, como era chamada) é consequência das mazelas sociais que assolam a educação e a população brasileira, ou seja, uma educação não pensada/planejada para um público popular excluído da escola em seu tempo de direito.

Diante disso é preciso refletir sobre quais as intencionalidades envolvidas nesse campo de educação por parte do poder público já que, muitas vezes, essa modalidade de educação é vista pelos estudantes da EJA não como um direito que deve ser reivindicado, independente da relação idade/etapa de escolarização, mas como um favor concedido por um suposto “bondoso” gestor.

HADDAD (1987) apresenta um dado preocupante e trágico da realidade brasileira do censo de 1920: 72% da população acima de 5 anos era analfabeta. De acordo com HADDAD (1992) a educação básica de adultos, no Brasil, começa a ser reconhecida como um direito, pelo menos na legislação, a partir da década de 1930, com a destinação formal de recursos para a alfabetização de jovens e adultos concomitantemente com algumas reformas no ensino relacionadas à crescente urbanização/industrialização.

Na década de 1940 o espaço específico da educação de adultos começa a se delinear, a EDA surge no debate nacional na forma de Campanhas. No plano internacional acontece a criação da UNESCO que, desde seu início, pauta a educação de adultos e organiza as Conferências Internacionais da Educação de Adultos (CONFINTEA).

Segundo HADDAD (1987), as campanhas dos anos 1940 e 1950 fizeram cair os índices de analfabetismo para 46,7%, no ano de 1960, percentual insatisfatório que colocou em discussão a eficácia de tais ações.

FONSECA (2008) caracteriza os anos 1960 no que diz respeito ao significativo momento de reflexão que se deu no campo da alfabetização de adultos naquele momento:

A década de 1960 produziu uma ruptura teórico-metodológica nas práticas educativas brasileiras – a Educação Popular na Alfabetização de Adultos trouxe a temática da *cultura do silêncio*. Paulo Freire valorizava a palavra de milhões de brasileiros submetidos ao analfabetismo. Aproximando radicalmente cultura, educação e libertação, potencializou o grito daqueles cuja palavra fora interdita. Organizando educandos em círculos de cultura², a partir de situações problematizadoras, foi-se constituindo a Pedagogia do Oprimido, uma expressão filosófica, política e pedagógica da Educação iniciada por Freire, em Angicos, e disseminada pelos diferentes espaços de Cultura Popular no país (e no mundo): o diálogo para a conscientização, a leitura do mundo como pressuposto para a leitura da palavra. (FONSECA, 2008, p.81)

De acordo com HADDAD (1987) o golpe de 1964 trouxe repressão direta aos grupos e às pessoas que estavam até aquele momento nos vários trabalhos de educação popular.

Em 1967, o governo militar criou o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que não teve efeitos significativos, mas as experiências de alfabetização continuaram concomitantes com o exílio de Freire no Chile e na África.

² FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (p.111)

O ensino supletivo é regulamentado na lei 5692 do ano de 1971, assim como é mencionada a necessidade de formação adequada dos professores para essa modalidade de ensino.

O MOBRAL virou Fundação Educar em 1986 e fechou em 1990 e as ações federais esvaziaram-se, como menciona HADDAD (1992).

A Constituição de outubro de 1988 responsabilizou os poderes públicos pela oferta universal e gratuita desse nível de ensino àqueles que a ele não tiveram acesso e progressão na infância e na adolescência. HADDAD (2000) ressalta que, pela primeira vez na história brasileira, conferiu-se à população jovem e adulta o direito à educação fundamental.

A respeito da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) – lei 9.394 de dezembro de 1996 (substitutivo Darcy Ribeiro) pode-se dialogar com MACHADO (2009), autora que traz o teor contraditório desta lei para a legalidade e legitimidade da EJA. Os vetos do presidente Fernando Henrique Cardoso a que as matrículas de EJA fossem consideradas na redistribuição dos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) vão de encontro à garantia do direito explicitado nos incisos do art. 4º da LDB.

O artigo 4º diz o seguinte:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Lei nº 12.061, de 2009)

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

VIII - atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde;

IX - padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

X – vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade. (Incluído pela Lei nº 11.700, de 2008).

A inconsistência da legislação brasileira é verificada no não cumprimento desta lei no que se refere à educação básica e à EJA. As vagas na educação infantil são insuficientes, as especificidades da EJA, na maioria das vezes, não são respeitadas e a formação específica para esse campo não é assegurada potencializando a expulsão dos estudantes da escola.

FONSECA (2008) chama atenção que, na prática, o ato do presidente inviabilizou um investimento na área para a maioria dos municípios brasileiros e como um paliativo, propôs o Programa Alfabetização Solidária (PAS) – uma forma de captação de recursos da iniciativa privada com um perfil assistencialista e descontínuo. O Programa, cujas turmas duravam cinco meses, não promoveu a alfabetização de forma efetiva.

Em relação às políticas do governo Lula, FONSECA (2008) diz:

No que tange às políticas propostas pelo atual governo federal, e falando especificamente da Educação e da EJA, exceto o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) e o Piso Salarial Nacional dos Professores da Educação Básica Pública (PSPN), que se constituem em políticas de Estado, as demais têm sido executadas como políticas de governo.(...) A Educação de Jovens e Adultos é um exemplo incontestado desse aspecto desorganizador de políticas públicas de Estado, materializado em uma miríade de projetos e programas produzidos pelo atravessamento do setor não governamental (o Estado investindo no setor privado) realizando políticas de governo. Há uma miríade de programas e projetos que, desde o governo federal, são propostos para a educação de jovens e adultos, vinculados ou não à educação profissional, cito alguns: Brasil Alfabetizado, Saberes da Terra, Educando para a Liberdade, Fazendo

Escola, Escola de Fábrica, Juventude Cidadã, Consórcio Social da Juventude, PRONERA, ProJovem e ProEJA. (FONSECA, 2008, p. 90 e 91)

Penso que os investimentos dedicados à EJA ainda são tímidos e, na maioria das vezes são ideologicamente boicotados pelo poder dominante. O FUNDEB, criado com o objetivo de proporcionar a elevação e redistribuição dos investimentos em educação, não cumpre sua função em relação à EJA uma vez que os recursos aplicados nesta modalidade de educação são ínfimos e suas matrículas desconsideradas.

Os esforços precisam se materializar em ações efetivas de políticas públicas consistentes em conjunto com o desenvolvimento econômico, social e cultural do nosso país. A sociedade civil também pode contribuir. Quanto mais pessoas engajadas estiverem lutando em prol da EJA, menos utópicos se tornarão os desafios em relação ao analfabetismo.

2 REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOCENTES EM RELAÇÃO AOS EDUCANDOS DA EJA

Ao estudar a ação do homem comum, a Teoria das Representações Sociais busca construir uma epistemologia da prática, retomando o poder de autoria dos sujeitos ao dar voz aos saberes informais que emergem das relações grupais ou coletivas. Se antes estes saberes eram desqualificados pela racionalidade científica, Moscovici (1978) evidenciou a racionalidade desses indícios, que nascidos da práxis dos sujeitos e concretizados no cotidiano, tornam-se um sistema de signos coerente, capazes de produzir saberes de ordem social que circulam, cruzam-se e se cristalizam através de uma fala, um gesto, um encontro em nosso universo cotidiano. As representações estão presentes na maioria das relações sociais, nos objetos produzidos ou consumidos, nas comunicações trocadas. Não há representação social sem objeto e sem sujeito social, coletivo ou individual, pertencente a um determinado grupo, pois “uma representação é sempre uma representação de algo ou de alguém, tanto quanto de alguma coisa” (MOSCOVICI, 1978).

Diante das representações sociais dos professores da EJA referidas neste trabalho, questiono o sentido dessas referências aos estudantes num contexto de formação de professores, pois são amparados na prática do dia-a-dia que esses profissionais se manifestam, e nada mais legítima do que a experiência. Então o que acontece no ambiente escolar que dificulta um olhar sobre o fenômeno como síntese de múltiplas determinações?

O contexto escolar, no que tange as relações de trabalho e de prática docente é tenso e muitas vezes perigoso no sentido de estar indo ao encontro dos interesses das classes dominantes.

Trata-se de um espaço tenso porque as relações educador/educando estão cada vez mais complexas e frágeis uma vez que, inseridos numa sociedade permissiva convive-se diariamente com jovens sem limites ou superprotegidos pelos pais. Em minha prática docente tenho percebido um gasto de tempo e energia muito grande na administração de conflitos entre estudantes e entre professores e estudantes, ou seja, há um desgaste muito grande na profissão e as consequências

são na maioria das vezes problemas de saúde e sucessivos afastamentos do trabalho para tratamento.

Em entrevista concedida à Revista Brasileira de Educação em setembro de 1996, durante breve estada no Brasil, o sociólogo François Dubet reflete sobre a sua experiência de um ano como professor de história e geografia em um colégio da periferia de Bordeaux, França. Conhecido por suas pesquisas sobre a juventude marginalizada na França, François Dubet quis vivenciar, diretamente como professor, os dilemas da escola francesa contemporânea.

Uma das razões que motivou o sociólogo a lecionar foi o fato de que em seus encontros, coletivos ou individuais, com professores, ele tinha a impressão de que eles davam descrições exageradamente difíceis da relação pedagógica. Eles insistiam muito sobre as dificuldades da profissão, a impossibilidade de trabalhar, a queda do nível dos alunos, etc. E ele se questionava se não era um tipo de encenação um pouco dramática do trabalho dos educadores.

O fato é que as impressões de Dubet retratam ou representam situações semelhantes vividas por muitos de nós professores aqui no Brasil em nossas escolas, seja no ensino fundamental ou na EJA, como sinalizam os sujeitos mencionados nesta pesquisa.

Nas palavras de François Dubet:

“A minha primeira surpresa, e que é fundamental, corresponde ao que os professores dizem nas suas entrevistas. Os alunos não estão “naturalmente” dispostos a fazer o papel de aluno. Dito de outra forma, para começar, a situação escolar é definida pelos alunos como uma situação, não de hostilidade, mas de resistência ao professor. Isto significa que eles não escutam e nem trabalham espontaneamente, eles se aborrecem ou fazem outra coisa (...)

A minha segunda surpresa: é preciso ocupar constantemente os alunos. Não são alunos capazes de fingir que estão ouvindo, sonhando com outra coisa e não fazer barulho. Se você não os ocupa com alguma coisa, eles falam. É extremamente cansativo dar aula já que é necessário a toda hora dar tarefas, seduzir, ameaçar, falar (...)

(...) Aprendi que para uma aula que dura uma hora, só se aproveitam uns vinte minutos, o resto do tempo serve para “botar ordem”, para dar orientações. Tive muitas dificuldades (...)

Depois de dois meses, eu estava um pouco desesperado: eu não consegui nunca dar a aula. E então um dia, fiz um “golpe de estado” na sala. Disse aos alunos: de hoje em diante não quero mais ouvir ninguém rir, não quero mais agitação. Aliás, não era bagunça, era agitação (...)

(...) E durante uma semana foi o terror, eu puni. De fato facilitou a minha vida e tenho a impressão de que esta “crise” deu aos alunos um sentimento de segurança, já que eles sabiam que havia regras, eles sabiam que nem tudo era permitido. Depois, as relações se tornaram bastante boas com os alunos e bastante afetuosas.

Sem me dar muito conta disso, os alunos eram sensíveis ao fato de eu me interessar por eles como pessoas, isto significa que eu falo com eles, eu me lembro de suas notas, de suas histórias (...) No fim do ano, eles gostavam muito de mim.

(...) Não era um colégio violento. Não havia agressões, não havia insultos, mas era obviamente uma provação; como fazê-los trabalhar, como fazer com que ouçam como fazer com que não façam barulho?...

(...) No final das contas, achei que a descrição que os professores entrevistados faziam na pesquisa era bastante correta. Realmente, a relação escolar é a priori desregulada. Cada vez que se entra na sala, é preciso reconstruir a relação: com este tipo de alunos, ela nunca se torna rotina. É cansativa, cada vez, é preciso lembrar as regras do jogo; cada vez, é preciso reinteressá-los, cada vez, é preciso ameaçar, cada vez, é preciso recompensar (...). A gente tem o sentimento de que os alunos não querem jogar o jogo e é muito difícil porque significa submeter à prova suas personalidades. Se eu falo de charme, de sedução, não é por narcisismo, é de fato o que a gente realmente experimenta. É uma experiência muito positiva quando funciona, a gente fica contente; quando não funciona, a gente se desespera. Eu vivi dificilmente esse ano, aliás, no Natal queria parar.”

Muitas observações e críticas podem ser feitas à experiência vivida por Francois Dubet. A primeira e mais óbvia que me vem à mente é a de que ele não tinha didática para dar aulas e se tivesse formação adequada teria se saído melhor na sua prática. Porém o sociólogo menciona que muitos dos professores da escola também não conseguiam dar aulas. Então, a formação é um elemento importante que habilita a dar aulas, mas não o único.

Características como o charme e a sedução aparecem na fala de Dubet como indispensáveis na prática docente. Palavras que um pedagogo facilmente traduziria por encantar os estudantes, dar um sentido ao que se está ensinando.

Os professores da EJA mencionados nesse trabalho e o sociólogo compartilham do mesmo discurso: o de que “parece” que os estudantes não querem

estudar, no entanto, muitos fatores, que veremos a seguir, tensionam essa constatação.

O contexto escolar torna-se perigoso quando a lógica do sistema capitalista interfere na cena escolar e isso tem acontecido cada vez mais nas instituições educacionais. Um exemplo disso é o fato de que cada vez mais o professor precisa se esforçar para evitar a progressão instantânea dos educandos pelas mantenedoras das escolas. O esforço consiste na produção de dossiês, cada vez mais elaborados, que demonstrem as limitações dos estudantes nas questões da aprendizagem e comprovem que ele não tem condições de avançar para a próxima etapa do processo escolar. O avanço descriterioso dos sujeitos ao mesmo tempo em que aumenta os índices para o governo exibir em propagandas eleitoreiras, produz a mão de obra barata que alimenta o sistema.

Fatos como esse explicitam os limites da prática educativa. No entanto, de acordo com Freire(2001) a compreensão desses limites demanda a clareza política dos educadores em relação ao seu projeto. Demanda que o educador assuma a teor político de sua prática e que tenha consciência da relação escola/luta de classes.

Por isso torna-se relevante refletir sobre o perigo das representações sociais dos professores sobre os educandos da EJA estarem servindo aos interesses do sistema capitalista e acima de tudo, lutar contra isso.

Paulo Freire (2005) chama a atenção para o fato de que

...Quanto mais adaptados à concepção “bancária”, tanto mais educados, pois adaptados ao mundo. Esta é uma concepção que implicando uma prática, somente pode interessar aos opressores, que estarão tão mais em paz, quanto mais adequados estejam os homens ao mundo. E tão mais preocupados, quanto mais questionando o mundo estejam os homens... (pag. 73)

Todos esses fatores, ligados às condições de trabalho, influenciam na prática do professor. E, no caso dos professores da EJA, o risco de uma influência negativa desses fatores é maior porque, na grande maioria das vezes, esse profissional possui uma jornada de trabalho muito extensa: 60 horas semanais para equilibrar o orçamento. Então questiono: É fácil analisar um fenômeno como síntese de múltiplas determinações quando se está tão envolvido no problema e sobrecarregado de trabalho como é o caso dos professores da EJA?

Nas representações docentes em relação aos jovens da EJA, me parece que os estudantes estão sendo vistos como causa do problema da falta do interesse pelo conhecimento escolar, visto que são culpabilizados, muitas vezes, pelo seu fracasso escolar.

Na busca de sentidos sobre o modo como os professores da EJA se referem aos educandos serão desenvolvidas algumas considerações a partir dos questionamentos expostos anteriormente.

2.1 “NÃO TER NOÇÃO DE QUASE NADA” SIGNIFICA FALTA DE CONHECIMENTOS POR PARTE DOS ESTUDANTES?

Esta é uma fala generalista que merece algumas distinções e considerações.

O conhecimento escolar é muito diferente dos conhecimentos que os estudantes jovens e adultos agregam em suas trajetórias de vida e o que ocorre muitas vezes é a falta de habilidade do professor de aproximar um e outro para que façam sentido na vida dos estudantes da EJA.

A estrutura escolar, que deveria se estruturar para atender o público jovem e adulto, nem mesmo se adaptou à Educação de Jovens e Adultos. Remetendo à luta pelo direito a essa modalidade de ensino Arroyo (2005) destaca que ainda é dominante a visão de que a forma de educação escolar-formal que se consolidou nos últimos séculos, com sua rigidez, hierarquias, disciplinas e grades, é a organização ideal para garantir o direito ao conhecimento. O engodo me parece que está na manutenção desses estudantes nas turmas de EJA.

Os jovens de hoje têm muito acesso a informações, possuem muita vivência, mas por uma série de motivos, muitas vezes, não conseguem estabelecer as relações necessárias para produzir ou construir o conhecimento escolar. Nesse ponto é possível dialogar com Arroyo (2005), no que tange a prática da educação popular na EJA:

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será o ponto de partida para uma pedagogia que se pautar pelo diálogo entre os saberes escolares e os saberes sociais. Esse diálogo exigirá um trato sistemático desses saberes e significados, alargando-os e propiciando o acesso aos saberes, conhecimentos, significados e à cultura acumulados pela sociedade. (p. 35)

Então, o estudante jovem e adulto tem noção de muitas coisas sim. Um professor que conhece os princípios da educação popular tem consciência disso e acima de tudo valoriza esse saber partindo dele para ampliá-lo.

A fala dos professores é, muitas vezes, reflexo do discurso da mídia, a qual divulga as políticas de foco estreito do Estado, que, conforme Arroyo (2010) desconsidera a relação educação/política/desigualdades e acaba responsabilizando unicamente o indivíduo pelo seu êxito - ou fracasso - na vida.

É urgente o rompimento com o modo de pensar dominante para que a partir da análise da radicalidade dos fatos se consiga estabelecer planos de ação capazes de alterar a realidade no sentido de acolher os estudantes jovens e adultos e ao mesmo tempo dialogar com a cultura adquirida em sua trajetória de vida, ampliando seus conhecimentos – princípios da educação popular.

2.2 “NÃO QUERER NADA COM NADA” DENOTA FALTA DE UM PROJETO DE VIDA OU DESINTERESSE PELO CONHECIMENTO?

Pensando nos jovens estudantes da EJA é possível eleger elementos que irão, de uma forma ou de outra, direcionar seus objetivos de aprendizagem, são eles: sua história de vida, suas experiências escolares anteriores ou outros discursos sobre inserção social, entre outros. A partir desses elementos é possível refletir sobre a utilidade da escola para essas pessoas.

No curso de especialização ao qual é destinado esse trabalho tivemos a possibilidade de escutar estudantes jovens e adultos que vieram de uma escola municipal, a convite de um de nossos colegas, apresentar uma peça de teatro. Em entrevista informal após a peça foi-lhes perguntado sobre os planos para o futuro. Cada um tinha uma resposta bem definida, desde conseguir um trabalho melhor até frequentar a universidade. Onde eu quero chegar com isso é simples: dizer que o jovem da EJA não quer nada com nada é, mais uma vez, generalizar algo que não é generalizável é um pré-julgamento sem uma análise pormenorizada do todo.

Outros fatores que devem ser levados em consideração em relação a esta constatação dos professores são a forma como estão sendo tratados os conteúdos, a forma como são conduzidos os assuntos no ambiente escolar, o meio ao qual

esses educandos estão inseridos e ainda que tipo de relação esses estudantes têm com o saber.

Bernard Charlot (2000) discorre sobre a relação dos estudantes com o saber referindo-se ao fracasso escolar, no entanto, muitas relações feitas por ele cabem nesse estudo para a análise das representações docentes em relação aos jovens estudantes da EJA.

Parafraseando Bernard Charlot: O desinteresse pelo conhecimento não existe, o que existe são estudantes em situação de desinteresse. O que existe é um conjunto de fenômenos observáveis que os docentes agrupam sob a designação de desinteresse pelo conhecimento, logo, são esses fenômenos que devemos analisar.

É possível eleger aqui alguns desses fenômenos passíveis de análise: a falta de acesso à cultura seria um deles. Se pararmos para pensar ou até mesmo perguntar para alguns dos estudantes da EJA quais os programas culturais que eles costumam frequentar. A variedade seria mínima, talvez reduzida a idas ao cinema e atividades proporcionadas pela própria escola. Se perguntássemos quais os veículos que utilizam para se informar sobre os acontecimentos do mundo, a televisão apareceria em primeiro lugar. Se perguntássemos quantos livros eles leram durante o semestre poderíamos facilmente nos deparar com uma resposta nula.

Não só porque talvez esses estudantes não desenvolveram suas próprias expectativas, concepções e referências em torno de determinado saber, mas porque a cultura tem um preço e custa caro levando em consideração as desigualdades sociais que o sistema capitalista produz.

2.3 QUE MENSAGEM É PASSADA PELOS EDUCANDOS DA EJA QUANDO “ATRAPALHAM” A AULA?

A meu ver, mesmo que não tenha sido citada pelos professores que responderam o questionário, essa constatação de que os estudantes atrapalham as aulas se relaciona diretamente com a juvenilização da EJA, pois revela certa dificuldade dos educadores em lidar com a heterogeneidade das turmas de EJA a partir desse fenômeno. O fato é que precisamos, em primeiro lugar, tomar consciência da nova configuração da EJA e ir além, tornando essa heterogeneidade nossa aliada no processo ensino-aprendizagem, incentivando o respeito e

promovendo trocas entre gerações que contribuam para o crescimento de todos enquanto pessoas e aprendizes.

Uma das formas de traduzir os comportamentos dos jovens mencionados pelos professores da EJA é pensar que eles estão dando um sinal de alerta de que o currículo não está de acordo com as necessidades dos estudantes.

Talvez o distanciamento dos jovens seja do que a escola propõe que eles aprendam - currículo distante da realidade dos educandos - e não do conhecimento em si. Em relação à importância da percepção da especificidade das trajetórias dos jovens-adultos, Arroyo (2005) salienta que:

Quando os jovens e adultos educandos são populares com uma trajetória tão difícil de entender, terminam interrogando a docência e a pedagogia. A pedagogia e a docência são interrogadas uma vez que, os jovens carregam trajetórias fragmentadas que se contrapõem a linearidade do pensar e fazer pedagógico. (...) (p.36)

Então, se os estudantes “atrapalham” as aulas, esse comportamento pode ser considerado como uma interrogação da docência e da pedagogia ou como mencionado anteriormente: como uma maneira adolescente de se relacionar, a qual tenciona as formas de pensar adultas constantemente em função das características dessa fase da vida que é, por natureza, conturbada na maioria dos casos.

Diante dessas incongruências das representações dos professores da EJA em relação aos estudantes alguns questionamentos podem ser levantados: A indisciplina, a reprovação ou até mesmo o fracasso escolar podem ser consequências de interpretações rasas dos fatos que ocorrem no cotidiano escolar?

3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Inicialmente penso ser importante salientar o fato de que 100% dos sujeitos envolvidos na pesquisa, que responderam a questão de número 5, informaram já terem ouvido várias vezes e principalmente em seu local de trabalho as falas mencionadas anteriormente. Trata-se de uma evidência da relevância desta pesquisa e, ao mesmo tempo, de uma apresentação do grande e atual desafio da profissão docente: o de transformação dessa cruel realidade que se impõe ao ambiente escolar e de formação de professores e que se inicia a partir da investigação das causas do fenômeno estudado e do vislumbramento de perspectivas de mudanças.

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

“A todo o momento. Na sala dos professores, em reuniões pedagógicas, na saída da escola, nas formações.” (Professora D)

Para o tratamento e análise dos dados coletados, será utilizada a análise de conteúdo baseada em Bardin (2011), do tipo categorial por temática, a qual se efetiva por meio de desmembramento de texto em unidades e categorias para posterior reagrupamento analítico.

Das respostas escritas dos professores emergiram elementos que nos ajudam a desvelar o fenômeno investigado:

- a) Elementos associados à formação docente;
- b) Elementos relacionados com as condições de trabalho do professor da EJA;
- c) Elementos relacionados ao conhecimento da realidade e valorização da cultura dos estudantes da EJA;
- d) Elementos associados à relação dos educandos da EJA com o saber.

Desses elementos decorrem as três categorias a partir das quais se constituíram as análises:

Categoria 1: Desafios dos Professores da EJA;

Categoria 2: Currículo da EJA e

Categoria 3: Juventude.

Essas categorias compõem um todo estruturado e não devem ser olhadas de forma isolada, mas numa perspectiva integradora, visto serem interdependentes.

3.1 OS ELEMENTOS FORAM EVIDENCIADOS EM TRECHOS COMO OS CITADOS A SEGUIR:

3.1.1 Elementos Relacionados à Formação Docente

A primeira pergunta do questionário relaciona a formação inicial³ dos educadores com a formação específica⁴ para a EJA. Nesse caso, também 100% dos professores buscaram no Curso de Especialização ao qual se destina este trabalho, o preenchimento da lacuna deixada na graduação em relação às especificidades do público jovem e adulto.

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

*“Graduação em Letras e Literatura Brasileira – não tenho formação específica para a EJA (é o que vim buscar nesta especialização)”
(Professora E)*

No que tange à formação continuada⁵, para os professores que trabalham nas redes municipais, a secretaria do município promove formações direcionadas à EJA, no entanto, tais atividades foram caracterizadas pelos professores como esparsas e com distorções do foco, sendo assim necessária a busca de aperfeiçoamento além dos oferecidos pela mantenedora das escolas.

³ Por formação inicial entende-se o ensino universitário que leva o indivíduo a um nível de formação que determinará qual profissão será capaz de exercer.

⁴ Por formação específica entende-se habilitação que determinará a especialidade do profissional, no caso, em EJA.

⁵ Entendida como formação em serviço por alguns professores participantes da pesquisa.

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

“Na universidade não, mas como trabalho com a EJA, todas as formações (na escola) são direcionadas para esta modalidade, precisei buscar uma habilitação específica, neste curso, pois saí da graduação sem o preparo necessário para atuar com os alunos desta modalidade.”
(Professora E)

3.1.2 Elementos relacionados com às condições de trabalho dos professores da EJA

Em relação à pergunta de número quatro, que questiona o grau de satisfação com as condições de trabalho, houve interpretações distintas entre os professores. Enquanto alguns docentes se referiram às condições de trabalho como um conjunto de fatores que regulam o vínculo profissional do professor, outros se referiram à estrutura de trabalho disponível para atuar com os estudantes ou mencionaram os dois enfoques:

“Quanto as condições (espaço físico, estrutura material) são boas. Quanto ao vínculo empregatício e valorização do profissional, deixa bastante a desejar...”
(Professora B)

A qualidade do trabalho do professor está vinculada a uma série de condições, tais como: tamanho das turmas a que atende, horário de trabalho, tempo disponível para preparação das aulas, presença de profissionais preparados para o acompanhamento e apoio sistemático da sua prática educativa – SSE e SOE atuantes-, qualidade dos recursos didáticos existentes na escola entre outros. É importante lembrar que para a modalidade EJA, muitos recursos escolares não estão disponíveis em sua plenitude como para as turmas do ensino regular. Não raro nas escolas os setores estão fechados à noite, deixando à margem as turmas de EJA e precarizando o trabalho do professor.

A remuneração dos professores é outro ponto essencial. O professor bem remunerado pode realizar um trabalho melhor por várias razões: não precisa acumular horas excessivas de trabalho, nem dispensar sua energia atendendo a escolas diferentes, ter mais tempo e disposição para se dedicar tanto à preparação das aulas quanto à correção dos trabalhos individuais dos alunos. Um bom salário melhora a autoestima, permite a aquisição de materiais de aperfeiçoamento profissional, além de possibilitar o acesso à cultura como teatro, cinema etc. A grande maioria dos professores da EJA não tem esse privilégio e acabam tendo que trabalhar 60 horas semanais para reforçar o orçamento da família.

Do total dos professores que responderam as perguntas, apenas um diz estar satisfeito com a remuneração.

*3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?
“Como atuo na área social, e não atuo como pedagoga também no local onde trabalho, acredito que a minha remuneração é satisfatória sim.”
(Professora F)*

Sobre esse dado é preciso fazer algumas considerações na tentativa de compreender os motivos que levam alguém a achar satisfatório o salário dos profissionais em educação. Por se tratar de uma jovem professora de 25 anos ela pode morar ainda com a família e não depender dessa remuneração para se sustentar, já que os pais ficariam responsáveis pelas despesas mais relevantes como moradia, alimentação e saúde. Outra possibilidade é ela ter outra fonte de renda, pois quem é professor sabe que a remuneração de fato não é suficiente para as necessidades básicas de uma família como alimentação, moradia, saúde, educação quanto mais para o lazer.

3.1.3 Elementos relacionados ao conhecimento da realidade e valorização da cultura dos estudantes da EJA

Perguntados sobre as possíveis causas dos comentários tecidos pelos docentes da EJA, apareceram fatores como a falta de conhecimento da realidade e valorização da cultura dos estudantes da EJA.

7. Quais as possíveis causas para o seu acontecimento?
“...falta de conhecimento, por parte da escola, pela história e cultura que os alunos carregam.” (Professor A)

De acordo com Freire (1996), é fundamental que as experiências dos estudantes sejam não só respeitadas como se constituam como o ponto de partida para discussões mais amplas da realidade. O autor sugere “uma *intimidade* entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos” (p.30)

3.1.4 Elementos associados à relação dos educandos da EJA com o saber

Na questão de número seis nota-se uma contradição em relação às opiniões dos sujeitos da pesquisa, pois o professor “C” exime o estudante de qualquer responsabilidade em relação aos seus atos, a professora “E” diz que apesar dos esforços dos professores, existem estudantes alienados e sem propósito de vida e a professora “F” refere o descompasso entre as transformações da sociedade e a escola.

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem este tipo de comentário?
“Nada que lhes diga respeito. Diz respeito a nossa formação ou à falta dela.”
 (Professor C)

“...uma série de questões está ocorrendo com a sociedade, não é somente com o educando. Acho que a escola “parou no tempo”, não está acompanhando a sociedade, está fechada..” (Professora F)

“...tem alunos que mesmo que o professor se esforce, entenda todas as dificuldades deles, traga coisas diferentes, leve-os a outros lugares, dê espaço para manifestação, reconheça todas as dificuldades da realidade deles, parece que nada os motiva, muitos dão a impressão de alienação, de não terem propósito de vida.” (Professora E)

Penso que esse fato evidencia a importância de se olhar o fenômeno das representações docentes em relação aos estudantes da EJA como síntese de múltiplas determinações, ou seja, o modo dos jovens estudantes da EJA se relacionarem com o professor não está relacionado a um elemento isolado e sim interligado a uma rede de fatores que contribuem para sua ocorrência.

Opiniões diferentes também aparecem quando questionados sobre as possíveis causas do aparecimento dessas falas dos professores da EJA: as hipóteses envolvem tanto docentes (formação, vítimas, intolerância), estudantes (relação com o saber, intolerância), condições de trabalho, inadequação do currículo para a EJA quanto problemas de ordem social.

3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE:

3.2.1 Desafios dos Professores da EJA

Um dos grandes desafios de todos os professores não só, mas também da EJA, é a velha luta pela valorização salarial e reconhecimento social dos profissionais da educação. Todo o ano se evidencia a luta da classe dos professores no âmbito das três esferas de governo com atos públicos, paralisações e greves no sentido de reaver as perdas salariais que se deram ao longo dos anos. E ano a ano o que se observa são propostas insuficientes de reposições salariais ou mudanças pouco significativas nos planos de carreira dos professores, precarizando cada vez mais a profissão.

A equipe gestora das entidades em conjunto com os sindicatos e o coletivo de professores precisa assumir o compromisso de reivindicar junto ao poder público as condições de desenvolvimento de um trabalho de qualidade nas escolas, institutos e universidades para que se consigam avanços no sentido de uma real valorização dos professores e qualidade da educação pública brasileira. E o governo precisa valorizar a educação e cumprir tantas promessas feitas em campanha em ano eleitoral neste âmbito.

Em relação aos docentes da EJA o desafio se amplia uma vez que se tratando da grande Porto Alegre, nem concurso para a modalidade EJA existe ainda, ou seja, os professores dos anos iniciais acabam assumindo horas a mais de trabalho para atender a EJA.

Ocorre, como se sabe, que professores despreparados assumem turmas de EJA e muitos acabam, por falta de formação específica, promovendo práticas que não estão de acordo com a educação popular.

Porcaro (2011) aborda esse tema durante o III Seminário Nacional de Formação de Educadores de EJA ao mencionar que apesar da expansão da EJA no Brasil, essa área de ensino ainda tem sido ocupada por professores sem uma formação específica. A autora chama atenção para o fato de que tal situação acarreta fragilidade na prática cotidiana destes profissionais, que acabam desenvolvendo o trabalho sem uma base de conhecimentos mais consistente na área específica da EJA. E ainda ressalta:

Assim, embora a EJA esteja se desenvolvendo em todas as regiões, existe ainda uma realidade que exige atenção do governo e de todos os que se envolvem com a EJA. Entre essas questões, se encontra a referente à formação dos educadores de jovens e adultos, pois não existe ainda um processo de formação sistemático do educador de jovens e adultos e esta formação vem se dando de uma maneira espontânea (...) (p.34)

Trata-se da negligência dos governos em relação à EJA. Arroyo (2010) nos ajuda a pensar sobre tal negligência quando destaca que as políticas educacionais brasileiras têm como foco corrigir as desigualdades educacionais. Segundo ele, esse foco estreito acaba responsabilizando docentes e discentes pela não superação das desigualdades do nosso país, que estão intimamente ligadas a determinantes sociais, econômicos, políticos, entre outros, que condicionam tais desigualdades educacionais. O autor não está falando especificamente da EJA, mas penso que essa postura do Estado foi, durante muito tempo e ainda é, o principal entrave do reconhecimento da EJA como modalidade de educação específica, com demanda de profissionais especializados e de sua garantia como um direito dos cidadãos desse país.

Não é à toa que o tema formação de educadores de EJA tem sido tema de seminários nacionais como foi o caso do III Seminário Nacional de Formação de Educadores de EJA realizado em Porto Alegre. Trata-se de significativas iniciativas da sociedade civil em trazer o assunto para o debate e tensionar entidades competentes no sentido de promover cada vez mais oportunidades de qualificação do professor que escolhe trabalhar com a EJA evidenciando a urgência de investimentos no campo da formação inicial e continuada específica para professores da EJA.

A questão de número nove do questionário remete às perspectivas no sentido de um deslocamento das representações sociais a favor da educação popular. As respostas envolvem desde uma organização dos próprios estudantes em prol de uma educação de qualidade, até uma mudança estrutural que comece na esfera federal e chegue até as escolas.

São ações (desafios) que dependem mais diretamente do professor e outras que dependem de políticas públicas. O quadro a seguir evidencia as propostas do grupo de professores:

AÇÕES QUE DEPENDEM DIRETAMENTE DO PROFESSOR	AÇÕES QUE DEPENDEM DE POLÍTICAS PÚBLICAS
Dar voz à cultura e conhecimentos dos educandos	Mudança estrutural
Estudar os princípios da EJA	Formação
Escuta e diálogo com os estudantes	
Trabalhar com a singularidade de cada educando	
Tomada de consciência de que o processo ensino/aprendizagem precisa de reformulações	
Compreender o papel de mediador	
Fazer com que os estudantes percebam a importância de se estar na escola	
Proporcionar atividades que interajam com o universo da EJA	

Observando as respostas nota-se uma disparidade em quantidade entre as responsabilidades do professor e as do Estado. As atribuições da categoria de professores são bem definidas e pontuais enquanto que as do Estado são vagas, apesar de relevantes se considerarmos a urgência na demanda de formação do profissional da EJA e que “mudanças estruturais” se referem a alterações de âmbito social que reflitam na educação como a diminuição das desigualdades sociais por exemplo.

Mais uma vez o discurso do sistema capitalista divulgado pela mídia da responsabilização do indivíduo pelo seu sucesso ou fracasso prevalece, desconsiderando a relação sociedade/educação/desigualdade.

3.2.2 Currículo da EJA

Respondendo à questão de número 7 do questionário a professora D faz, de certo modo, uma denúncia - que não é novidade - em relação ao currículo para os jovens da EJA, referindo a sua inadequação e reprodução da escola do dia. A professora ainda propõe uma tomada de consciência do grupo docente no sentido de formular uma proposta pedagógica coerente para a EJA.

Acredito que um currículo elaborado respeitando os princípios da educação popular é a proposta mais atrativa para os estudantes da EJA: uma educação intencional como processo de formação humana que visa contribuir para a transformação da realidade social. Trata-se, segundo Freire, do caráter transgressor e emancipatório da educação.

De acordo com Giovanetti (2005) o que caracteriza a EJA é a presença de jovens e adultos de origem popular, marcados por processos de exclusão social, marginalização cultural e exploração econômica. Desta forma, as propostas educacionais que têm como referência a educação popular focam essa singularidade ao conceber a educação como processo voltado para o resgate do que Freire chama de “humanidade roubada”.

Os currículos da EJA devem contemplar uma educação para a vida, considerando as necessidades dos sujeitos. Mais um desafio para o professor da EJA que deve estar constantemente ouvindo e interpretando as reivindicações dos estudantes, mesmo que sejam na forma de sinais como estar atrapalhando a aula por exemplo. Educar para a vida possibilita que os educandos permaneçam por mais tempo nas turmas de EJA.

A professora H, respondendo à questão de número 9, faz uma importante reflexão que envolve basicamente as mudanças necessárias nos currículos da EJA tendo em vista a educação popular: que as propostas de aprendizagem não só interajam com o universo dos estudantes da EJA, mas também tenham sintonia com a forma com que esses estudantes se percebem na sociedade, que a educação possa auxiliar e prepará-los para a interação com a sociedade e que o professor compreenda seu papel de mediador dessas possibilidades.

Rocha (2008) traduz nesse trecho de sua dissertação o sentimento e de certa forma fornece elementos para se compor o currículo na Educação de Jovens e Adultos, na minha opinião, legítimo:

...a aventura cotidiana de escutar continuamente os sujeitos para os quais se constrói uma proposta educativa – e continuamente se maravilhar, se alegrar, e, muitas vezes, compartilhar suas dores – é o ponto de onde nasce o incessante desejo de construir um currículo caracterizado pela riqueza, pela diversidade e pela inovação. (p.135)

Saber escutar: um dos saberes necessários à prática educativa, segundo Freire (1996), escutando que se aprende a *falar com* (grifo do autor) os educandos

da EJA. Escutar para dialogar, pois, é através da disponibilidade dialógica que se diminui a distância entre educador e educando, se discute, se desoculta verdades escondidas, se desmistifica a farsa ideológica, enfim se equipa o educando a intervir na sua realidade.

3.2.3 Juventude

Desde o início da pesquisa, na elaboração dos questionários pensei que a juvenilização da EJA iria aparecer nas respostas dos professores. E para minha surpresa este fator não foi citado como causa do comportamento dos jovens nas turmas de EJA.

Mesmo assim, pelo que se observa nas falas dos docentes, o relacionamento com os jovens estudantes tem sido um desafio dos professores da EJA. Penso que não só uma formação adequada para esse público ajuda a organizar estratégias que envolvam esses educandos a ponto de que a prática do professor seja um atrativo para eles permanecerem na escola, mas também é necessário um investimento do professor sobre os estudantes no sentido de creditar expectativas no processo de aprendizagem, de acreditar no potencial dos estudantes.

Os sentimentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa em relação ao modo de representação dos professores da EJA em relação aos discentes variam. Aparece a dificuldade de reconhecer os desacertos, vergonha, impotência, banalização, tristeza, preocupação, e desânimo. Uma professora demonstra esperança e diz:

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

*“Impotente, envergonhada. Mas não dá para desanimar, ainda acredito na Educação.”
(Professora B)*

No entanto, o que mais me chamou atenção é que apenas uma educadora, diante do determinismo das falas dos professores da EJA referidos neste estudo, se sente desafiada a agir na direção de dar um sentido ao que é estudado nas turmas de EJA.

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

*“Me sinto desafiada todo dia, pois todo dia tento fazer com que as atividades que eles desenvolvem em sala de aula faça sentido. Tento mostrar a importância para suas vidas o fato de estarem na escola estudando e não na rua num ambiente de drogadição, violência, etc...”
(Professora G)*

A relação com os jovens e adultos exige uma constante reflexão sobre a prática, sobre o contexto social dos alunos e sobre o contexto mais amplo que relacione política/educação/desigualdades.

Andrade (2008) nos apresenta um conceito de juventude a partir do qual é possível pensar as Representações dos professores da EJA em relação aos jovens estudantes desta modalidade de ensino:

...a juventude não é uma essência em si mesma; é uma construção e uma condição que se dá em diferentes tempos e lugares de diferentes formas. Nem todas as pessoas de uma mesma idade vão viver este período do mesmo modo e nem se tornarão adultas no mesmo espaço e tempo; tudo isso é dependente de contextos e circunstâncias sociais, geográficas e culturais específicos.(...) (p.79)

A autora enfatiza que a palavra juventude adquire significados distintos de acordo com as questões de classe, gênero, raça, religião, região, etc. e que por essa razão prefere usá-la no plural – juventudes.

O III Seminário de formação em EJA traz a questão da formação de educadores de EJA com ênfase na juventude na mesa coordenada por Analise da Silva. No resumo da atividade foi mencionada a impossibilidade de se trabalhar com um aluno idealizado, voltando as costas à realidade vivida.

É por essa razão que o professor da EJA tem a importante tarefa de provocar os estudantes sobre os mais variados temas para que eles consigam estabelecer as relações entre os saberes curriculares e a experiência social que eles têm. De acordo com Dayrell(2005):

É importante frisar que a questão não se resume a introduzir as expressões culturais juvenis na escola, na maioria das vezes como uma atividade extraclasse ou mesmo um apêndice do currículo, fazendo dessas atividades um meio de ocupar os alunos. (...) Trata-se de atribuir uma centralidade às diferentes expressões culturais no currículo numa dupla dimensão. Primeiro: considerar que as expressões culturais como música, dança, artes plásticas, entre outras, constituem a expressão superior das potencialidades que nos tornam humanos (...) Ao mesmo tempo, tais expressões culturais são parte de uma cultura juvenil, e, como tal, é nela que o jovem se envolve e se vê refletido.(...) (p.64)

O autor ainda chama atenção para o fato de que trabalhar com a cultura juvenil na escola é envolver o jovem pelo prazer, no entanto o desafio é introduzir as expressões culturais no currículo sem engessá-las como disciplinas curriculares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O minucioso trabalho de pesquisa e escrita é extremamente gratificante quando em primeiro lugar: o tema mobiliza, instiga, desacomoda a ponto de tornar situações cotidianas questões de pesquisa. E em segundo lugar quando, ao final da pesquisa, estamos diferentes, transformados pelas reflexões e leituras referentes ao estudo as quais se constituíram em novas aprendizagens.

Para quem exerce a docência, refletir sobre a prática, sobre o dia-a-dia escolar, sobre a educação é tarefa diária, mas quando se tem a oportunidade de escrever sobre essas percepções da realidade, de fazer uma análise mais consistente, de seguir uma metodologia que possibilita enxergar os fenômenos como síntese de múltiplas determinações a visão se amplia, outros fatores passam a ser considerados assim como se evidencia vias de transformação da realidade em discussão.

A elaboração deste trabalho proporcionou a ampliação de meu olhar em relação à formação do profissional da EJA, descobri novas possibilidades de ênfases e perspectivas diferentes na escolha da formação.

O desafio político da formação de professores para a EJA é grande, os poucos investimentos que existem são insuficientes. No entanto, os sujeitos envolvidos nessa pesquisa são beneficiários de um investimento federal na formação de educadores da EJA e do Sistema Prisional, e tão logo capacitados, têm o compromisso não só de por em prática as aprendizagens obtidas no curso, mas também de continuar a luta por uma abrangência cada vez maior de políticas públicas que contemplem a formação de professores da EJA.

Foi de grande riqueza a discussão curricular trazida pelos professores nos questionários, pois se evidencia a convicção de que a organização curricular da EJA necessita de mudanças, mas ao mesmo tempo detecta-se que a iniciativa precisa ser mais uma vez dos professores. O que não se pode perder de vista é que o desafio envolve principalmente a responsabilização dos gestores das instituições, das mantenedoras e do Estado por um projeto educacional que contemple a EJA em toda a sua complexidade.

A Teoria das Representações Sociais foi um aporte importante no entendimento do fenômeno social observado empiricamente. A recorrência das falas

de professores da EJA em relação aos estudantes reafirmada nas respostas dos sujeitos da pesquisa corrobora com a teoria, ou seja, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos parecem normais. Conforme Moscovici (1978) as representações sociais não são apenas "opiniões sobre" ou "imagens de", mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos, e que "determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das ideias compartilhadas pelos grupos e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas". (p.50)

Por isso a importância do estranhamento diante do que se torna naturalizado/banalizado – indícios de novos ou outros significados que podem fornecer elementos para a transformação da realidade.

Em função dos rumos que as respostas dos sujeitos participantes da pesquisa tomaram, algumas questões que pareciam centrais se tornaram mais periféricas, como por exemplo, a juvenilização da EJA. As respostas não colocaram esta dimensão em evidência, com a força com que eu esperava que o fizessem, mas trouxeram à cena a urgência de um projeto que contemple a EJA. E isso ampliou muito o leque de discussão e redirecionou meu olhar de pesquisadora para as demandas dessa modalidade de ensino, as quais se constituíram em elementos e categorias de análise desse estudo.

Os resultados constituem um alerta para que, por meio de políticas públicas, se resgate a valorização e o reconhecimento social dos docentes investindo-se primordialmente na formação específica do profissional da EJA. Arelada a essa condição está a prática educativa como possibilidade de alteração do panorama atual a favor da educação popular.

Concluo o texto deste trabalho, mas não as possibilidades de investigação, pois um tema de pesquisa não se esgota e seus resultados são provisórios e contingentes. Por acreditar que a juvenilização da EJA implica em necessidade de repensar o currículo da EJA, com urgência, importa criar formas de aproximação dessa cultura juvenil da escola, investigar iniciativas que deram certo, ouvir os jovens estudantes sobre quais atividades gostariam que existissem na escola e sobre o que menos gostam, além de tomar conhecimento do currículo de um curso de formação com ênfase em juventudes para uma comparação dos dados. É estimulante perceber que diferentes formas de construção curriculares para a EJA podem promover

aprendizagens significativas para jovens e adultos ao seguir os princípios da educação popular e ao aproximar a cultura juvenil da escola, no entanto existem sérios entraves na sua efetivação.

Diante das incongruências das representações dos professores da EJA em relação aos estudantes alguns questionamentos podem ser levantados: A indisciplina, a reprovação ou até mesmo o fracasso escolar podem ser consequências de interpretações rasas dos fatos que ocorrem no cotidiano escolar? Sendo estas as questões mais instigantes que este trabalho deixa em aberto para análises mais consistentes, que não foram possíveis nessa escrita.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 255 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação.

ARROYO, Miguel G. **Políticas Educacionais e desigualdades: à procura de novos significados**. Educação e Sociedade [on line]. 2010, vol.31,n.113,pp. 1381-1416. Versão PDF.

ARROYO, Miguel G. Educação de Jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: **Diálogos na educação de jovens e adultos/** organizado por: Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. –Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a educação de jovens e adultos. In: **Diálogos na educação de jovens e adultos/** organizado por: Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. –Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DUBET, François. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet**. São Paulo, Revista Brasileira de Educação, n. 5, maio/ago. 1997, p. 222-31

FONSECA, Laura Souza. EJA: lutas e conquistas! - a luta continua: formação de professoras em EJA. In: **Revej@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 3, nº3, p. 75 a 97, ago 2008. Disponível em http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_3_completa.pdf. Acesso em 25 jun. 10.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios/Paulo Freire**. – 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; V. 23)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional**. In: FAZENDA, Ivani (org.). Metodologia da Pesquisa Educacional. – 2ª ed. Aumentada – São Paulo: Cortez,1991.

GAMBOA, Silvio. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó, SC, Argos, 2007.

GIOVANETTI, M.A. A formação de educadores de EJA. In: **Diálogos na EJA**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HADDAD, Sérgio. **Ensino supletivo no Brasil: O Estado da Arte**. Reduc - Rede Latino-Americana de Informação e Documentação em Educação. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais. Brasília. 1987.

HADDAD, Sérgio. **Tendências Atuais na Educação de Jovens e adultos**. Em Aberto. Brasília, ano 11, nº 56, out./dez. 1992.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. **Aprendizagem de Jovens e Adultos: avaliação da década da educação para todos**. São Paulo em perspectiva 14 (1) 2000.

MACHADO, Maria Margarida. Educação de Jovens e Adultos. In: **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 82, p. 17 a 39, nov. 2009. Disponível em: http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B7D9C9F4C-9910-44B3-A32B-0602BD04A669%7D_mio_lo_em_aberto_82_site.pdf. Acesso em 25 jun. 10.

MINAYO, Maria Cecília. **Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PORCARO, Rosa. **A Formação do Educador de Jovens e Adultos no Brasil e Os Desafios a Construção De Sua Identidade Docente**. III Seminário Nacional de Formação de Educadores de Educação de Pessoas Jovens e Adultas – SNF – Porto Alegre/RS, no período de 26 a 28 de maio de 2010.

ROCHA, Rita Aparecida. **O Currículo na Educação de Jovens e Adultos: uma experiência em construção**. Belo horizonte: UFMG, 2008. 162 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Faculdade de Educação.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário:



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E PRIVADOS DE
LIBERDADE

Ao cumprimentá-lo/a apresento esta proposta de questionário como coleta de dados do Trabalho de conclusão de curso “**Discursos docentes em EJA: à procura de novos significados**”, realizado pela acadêmica Graciela da Silva Meirelles Leite estudante do curso de Especialização da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dados de identificação

Nome(opcional): _____

Idade(opcional): _____ Etapa: _____

Tempo de Magistério na EJA: _____

Qual sua carga horária de trabalho semanal: _____

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Observe as charges e imagens a seguir:





Algumas falas de professores em relação aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos tem chamado a atenção no ambiente escolar e de formação de professores da EJA são elas:

“Eles (estudantes da EJA) não querem nada com nada!”

“Eles (estudantes da EJA) não tem noção de quase nada!”

“Eu digo para os alunos:

-Se é para atrapalhar, é melhor ficar em casa!”

É importante ressaltar que os sujeitos referidos nas falas dos professores da EJA são os estudantes mais jovens desta modalidade de ensino que, conforme alguns docentes, não colaboram com as aulas. Segundo esses professores, não colaborar significa chamar atenção dos colegas com outros assuntos que não estão no contexto da aula, ficar mexendo no celular, utilizar fones de ouvido na sala de aula e não contribuir com a sua opinião para o enriquecimento das aulas.

Diante disso e de acordo com a sua prática, responda as seguintes perguntas:

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

APÊNDICE B - Quadro resumo das respostas dos professores da EJA:

Professores	A	B	C	D
Perguntas				
<p>1. Qual sua formação inicial?</p> <p>Você tem formação específica para a EJA?</p>	<p>Possuo licenciatura plena em Educação Física.</p> <p>Somente o EspEJA 2</p>	<p>Bel. Em Ciências Sociais</p>	<p>Bacharelado em Ciências Sociais.</p> <p>Não tenho.</p>	<p>Minha formação inicial é Pedagogia séries iniciais. Em minha formação inicial a EJA só foi contemplada em uma disciplina eletiva</p>
<p>2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?</p>	<p>Na secretaria municipal de educação do município de Porto Alegre, os encontros para formação continuada em EJA são raros e esparsos...</p>	<p>Meu trabalho é com o público da EJA. Não estou em sala de aula.</p>	<p>Respondido na 1.</p>	<p>Sim. Atualmente de forma bem menos satisfatória, pois devido a juvenlização da modalidade as formações tem o enfoque distorcido tipo: educação especial na EJA, problemas de disciplina, etc...</p>
<p>3. Sua remuneração é satisfatória?</p> <p>Conheces o plano da tua carreira?</p>	<p>Minha remuneração, como a de toda a classe de professores, é inadequada à relevância do trabalho que desempenho... Conheço meu plano de carreira...</p>	<p>Não, não é satisfatória, e trabalho via contrato administrativo</p>	<p>Minha remuneração é um pouco menos do que gostaria.</p> <p>Não conheço.</p>	<p>...Atualmente a discussão salarial é bem complicada e ano a ano nosso poder aquisitivo vem baixando...</p>
<p>4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho?</p> <p>O que poderia melhorar?</p>	<p>Não posso estar satisfeito com as condições de trabalho que disponho, mesmo ela não sendo horrível... porque sou conhecedor das possibilidades de estrutura possíveis para atuar com os alunos.</p>	<p>Quanto as condições (espaço físico, estrutura material) são boas. Quanto ao vínculo empregatício e valorização do profissional, deixa bastante a desejar...</p>	<p>Tenho bastante autonomia e a estrutura da escola é adequada.</p> <p>Poderia haver maior suporte pedagógico e pagamento de horário de preparação de aulas.</p>	<p>...Eu adoro trabalhar, acho mesmo que em uma medida acima do aceitável para uma pessoa normal...</p> <p>Acho que as condições de trabalho na escola em que atuo na EJA tem muito que melhorar, em todos os sentidos: segurança, relação</p>

				da direção da escola com a modalidade EJA
5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?	Estas falas são comuns na sala de professores, nas reuniões e conselhos de classe.	Sim, trabalho com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, e eles fazem esse tipo de relato falado pelos professores .	Menos em aulas, mais em reuniões com colegas ou em estudos sobre.	A todo o momento. Na sala dos professores, em reuniões pedagógicas, na saída da escola, nas formações.
6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?	...estes estudantes não estão se adequando as propostas pedagógicas escolhidas pela escola e pelo professor de modo particular... Não existindo pontos de contato e aplicabilidade prática dos conhecimentos ele se torna irrelevante e pouco atrativo.	Vejo os educandos acomodados. Há uma naturalização quanto ao discurso do professor. Eles (educandos) acabam acreditando que é assim mesmo.	Nada que lhes diga respeito. Diz respeito a nossa formação ou à falta dela.	Estão simplesmente sendo jovens, como todos nós já fomos.
7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?	...falta de conhecimento, por parte da escola, pela história e cultura que os alunos carregam. Passando pela formação dos docentes, estrutura física, reconhecimento político e social do ambiente educativo e, ainda, real envolvimento dos sujeitos envolvidos no processo educativo	Educadores se vitimando, se eximindo de algumas responsabilidades e acabam por culpabilizar o aluno.	Resposta anterior.	1. professor com carga horária elevada – já trabalhou o dia inteiro e sonha com a EJA de antigamente (onde havia mais adultos) 2. inadequação do currículo para os jovens (a EJA vem reproduzindo a escola do dia).
8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?	É difícil reconhecer seus próprios desacertos...	Impotente, envergonhada. Mas não dá para desanimar, ainda acredito na Educação.	Penso sejam infantis, de adultos que não se colocam no lugar de educadores... Embora nem sempre consiga o melhor êxito em minha prática docente de conseguir dialogar e prender	Eu nem me importo mais, elas se banalizaram. Cada reunião é como se estivéssemos no muro das lamentações. Só falta bater a cabeça.

			atenção...	
9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?	...Perceber os movimentos necessários para realmente interferir positivamente na trajetória dos alunos que, pela mitificação social ou por acreditar mesmo, vê na escola a possibilidade de ascensão a uma vida melhor e mais satisfatória. Preencher as lacunas da formação ineficiente e principalmente dar voz a cultura e conhecimentos pré-existentes dos educandos...	Acredito que deva partir dos educandos, uma organização deles em favor de uma educação de qualidade, com o forte apoio de educadores.	A perspectiva da escuta, o co-aprendizado, da tolerância, do nos abirmos para a pequenez de nossos conteúdos que um dia ou outro não agradam todos. Também na busca de 'caminhos do meio', onde o diálogo não seja recurso retórico importante de nossos escritos e nota de rodapé em nossas práticas.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estudar muito: começando pelo Parecer 2000 para ter bem presente o que significa trabalhar com a EJA 2. Trabalhar em grupo os princípios da EJA 3. Investigar a trajetória de cada aluno e trabalhar com a singularidade de cada um.

Professores	E	F	G	H
Perguntas				
1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?	Graduação em Letras e Literatura Brasileira – não tenho formação específica para a EJA (é o que vim buscar nesta especialização)	Sou formada em Pedagogia, com habilitação em orientação educacional. Não possuo formação específica para a EJA, a não ser a especialização que estou	Matemática. Não.	Sou formada em Pedagogia Orientação Educacional, não possuo formação específica para educação de adultos.

		concluindo agora.		
2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?	...todas as formações (na escola) são direcionadas para esta modalidade, precisei buscar uma habilitação específica, neste curso, pois saí da graduação sem o preparo necessário para atuar com os alunos desta modalidade.	...curso de extensão voltado a EJA e Educação Popular, na UFRGS e a EspEJA 2...	È contemplada através do curso de Especialização.	Atuo com Educação Social de adultos (...) e não possuímos formação continuada na área de EJA.
3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?	A minha remuneração não é satisfatória... Conheço boa parte do Plano de Carreira...	...minha remuneração é satisfatória sim...	Eu não estou satisfeita com minha remuneração. Conheço.	... considero o salário base do Educador Social, baixo...
4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?	A rede municipal, onde trabalho dá sim condições de trabalho satisfatórias. Precisa melhorar alguma coisa? Sim, mas esta é lei natural de tudo, sempre temos que melhorar seja no profissional, seja no pessoal...	Eu gosto do que faço, e o fato de possuir a contratação via CLT dá um pouco mais de “segurança” Em termos de condições físicas, é satisfatório, tenho o que necessito para trabalhar. O que poderia melhorar no meu trabalho são as relações, as formas de lidar com o trabalho e com o funcionário da ponta.	Grau mediano. Gostaria que tivesse menos alunos por turma, acredito que com isso o trabalho realizado surtiria mais efeito tanto para professor quanto para os alunos.	Eu me satisfaço muito com o meu trabalho (...) As condições estruturais também dificultam o trabalho...
5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?	Já ouvi muito e, inclusive, já falei porque tem uns alunos que realmente nos fazem pensar em desistir pelo desânimo, imaturidade, desrespeito, desinteresse, etc., apresentados. Esta fala aparece sempre na escola.	...Eu atuo com crianças e adolescentes em situação de rua. A maioria deles, quando chega na adolescência, e quando retornam para a escola, já são inseridos logo para a EJA. Eles não possuem mais nenhuma noção do que é estudar, e possuem dificuldade com imposição	Sim, no ambiente escolar onde tem professores de EJA: sala dos professores, intervalo de aulas, reuniões pedagógicas na escola, cursos de formação continuada.	Sim já ouvi. Como não atuo na escola, ouvi ao conversar com colegas da área da educação. Este é um discurso que já ouvi de professores que atuam com adultos e também com adolescentes de turmas que não são EJA. Mas, presencio esta situação também na

		de regras, horários, além da diferença, em muitos casos, na velocidade da aprendizagem, já que por questões da rua (drogas, violência, etc) a sua cognição foi comprometida.		educação social (...) quando os educadores dizem que os moradores de rua não querem ajuda, que eles não querem nada com nada e que não adianta existir um serviço de atendimento social, pois eles não querem "se ajudar".
6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?	...tem alunos que mesmo que o professor se esforce, entenda todas as dificuldades deles, traga coisas diferentes, leve-os a outros lugares, dê espaço para manifestação, reconheça todas as dificuldades da realidade deles, parece que nada os motiva, muitos dão a impressão de alienação, de não terem propósito de vida e aí fica muito difícil conseguirmos fazê-los entender a importância da educação para a vida deles ou simplesmente ajudá-los a	Mudança de comportamento, atitudes mais expansivas ou até mesmo violentas, muitas vezes não se contentam com respostas prontas e questionam o professor, desvalorização da escolarização e do papel do educador (desrespeito), enfim, uma série de questões está ocorrendo com a sociedade, não é somente com o educando. Acho que a escola "parou no tempo", não está acompanhando a sociedade, está fechada.	...acredito que é o seu comportamento em sala de aula que faz com que eles sejam 'rotulados' dessa forma.	O que eles estão fazendo, na minha opinião, é não agir como os professores gostariam que eles agissem.

	melhorar a sua situação.			
7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?	Imaturidade desestruturada familiar, o costume de receber tudo pronto, a falta de responsabilidade (desde muito pequenos), o não comprometimento com as coisas e pessoas, a facilidade do dinheiro através do tráfico, os valores pessoais deturpados, etc.	Uma possível intolerância entre os envolvidos, ninguém quer ceder um centímetro para tentar ouvir o que o outro tem a dizer e que pode levar a uma reflexão em todas as partes, porque é muito improvável que esta situação irá se reverter...	Acredito que a possível causa desse comportamento desses alunos jovens da EJA é a falta de sentido que eles atribuem à escola...	Talvez por que os professores também não estejam conseguindo compreender os motivos destas atitudes, para assim, poder oferecer opções que faça o aluno se interessar pela proposta escolar.
8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?	Triste, preocupada, por vezes desanimada.	—————	Me sinto desafiada todo dia, pois todo dia tento fazer com que as atividades que eles desenvolvem em sala de aula façam sentido. Tento mostrar a importância para suas vidas o fato de estarem na escola estudando e não na rua num ambiente de drogadição, violência, etc...	Quando ouço estas falas, sempre sinto um sentimento de desabafo. Vejo uma necessidade do ser humano em projetar, no outro, a culpa quando as coisas não dão certo, para não perceber-se participante de um processo que é conjunto. A culpa não pode ser só do aluno.
9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?	A solução para esta situação não pode recair somente em cima da figura do professor, é preciso uma mudança estrutural que comece na esfera federal e chegue até as escolas...	Penso que é imprescindível tomarmos consciência de que o processo de ensino-aprendizagem deve ser reformulado, repensado, na medida em que podemos verificar nas escolas em geral um despreparo para colocar em prática a	Acredito que temos que fazer com que eles percebam a importância de estar na escola, de se relacionar com as pessoas e os conteúdos apreendidos ali.	A possibilidade de atividades que interajam com a linguagem e com o universo dos alunos da EJA. Que as propostas de aprendizagem tenham sintonia com a forma como estes jovens-alunos se percebem na sociedade.

		educação popular		Que a educação consiga mostrar-se para eles não apenas como uma possibilidade de formação pelo certificado de conclusão, mas que possa auxiliar e prepará-los para a interação com a sociedade e com a cultura destes jovens. E que o professor-educador compreenda seu papel nesta construção que é de mediar estas possibilidades.
--	--	------------------	--	--

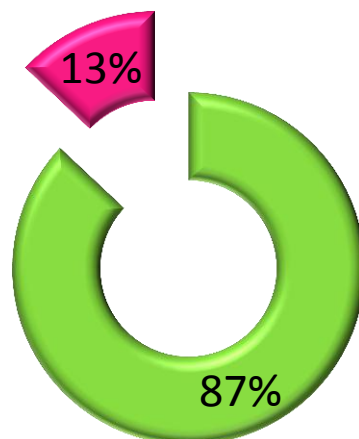
APÊNDICE C - Síntese dos Dados

Formação



- Sem Formação Inicial Específica para a EJA.
*No entanto foram mencionadas disciplinas eletivas direcionadas à EJA

Remuneração



- Insatisfatória
- Satisfatória

Recorrência das Falas dos Professores



- Já ouviram.
- *Das pessoas que responderam a essa pergunta

PERSPECTIVAS PARA UM DESLOCAMENTO A FAVOR DA EDUCAÇÃO POPULAR

Ações que dependem diretamente do professor

Ações que dependem de Políticas Públicas

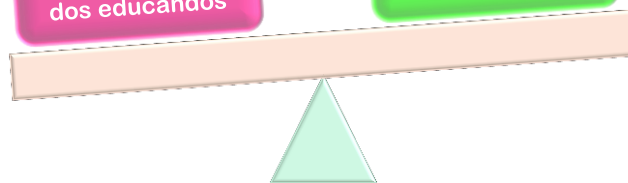
Proporcionar atividades que interajam com o universo da EJA

Estudar os princípios da EJA

Dar voz à cultura e conhecimentos dos educandos

Mudança estrutural

Formação



ANEXOS

ANEXO A – Questionários respondidos:

Optou-se por acrescentar os questionários na íntegra para que o leitor possa verificar a forma de construção original das pessoas.

Dados de identificação

Nome(opcional): Professor A

Idade(opcional):__48_____ Etapa: __totalidades finais_____

Tempo de Magistério na EJA: ____6 anos_____

Qual sua carga horária de trabalho semanal: __40h_____

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Possuo licenciatura plena em Educação Física. O único momento de formação específica em EJA na minha trajetória profissional é este que estou concluindo com o curso de especialização em educação de jovens e adultos e privados de liberdade.

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Na secretaria municipal de educação do município de Porto Alegre, os encontros para formação continuada em EJA são raros e esparsos, com nenhuma conexão entre eles, o que deixa a palavra “continuada” completamente sem sentido. Quase sempre estes encontros, quando acontecem, são trocas de experiências entre os colegas ou algum palestrante é convidado

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Minha remuneração, como a de toda a classe de professores, é inadequada à relevância do trabalho que desempenho e as minhas necessidades de estrutura e busca de conhecimento se limitam em função dessa falta de reconhecimento e valorização salarial. Conheço meu plano de carreira por “lidar” com as possíveis progressões funcionais a que concorri nos meus 16 anos de funcionalismo público. Nunca fui informado, oficialmente pela administração, sobre o plano de carreira específico do quadro de professores ou do quadro geral de servidores.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Não posso estar satisfeito com as condições de trabalho que disponho, mesmo ela não sendo horrível (ela também não é boa), porque sou conhecedor das possibilidades de estrutura possíveis para atuar com os alunos. A gama de materiais pedagógicos (esportivos, para atividades físicas ou tecnológicas) a disposição é farta e de qualidade. Também não poderíamos nos “esconder” na desculpa de que sem uma melhor estrutura o trabalho não tem condições de ser melhor.

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

Estas falas são comuns na sala de professores, nas reuniões e conselhos de classe.

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

Em minha opinião estes estudantes não estão se adequando as propostas pedagógicas escolhidas pela escola e pelo professor de modo particular. Ao mesmo tempo em que existem alunos desinteressados em qualquer coisa também o interesse das

propostas de atividades e conhecimentos não se desvelam com real significância e vinculação com o mundo dos alunos. Não existindo pontos de contato e aplicabilidade prática dos conhecimentos ele se torna irrelevante e pouco atrativo.

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

Acredito que em primeiro lugar uma falta de conhecimento, por parte da escola, pela história e cultura que os alunos carregam. Passando pela formação dos docentes, estrutura física, reconhecimento político e social do ambiente educativo e, ainda, real envolvimento dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

É difícil reconhecer seus próprios desacertos. Mas não me privo de discordar se a situação não corresponde ao meu entendimento do aluno ou turma em questão ou do tipo de educação que pratico e acredito como professor e ser humano.

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

Entrar de corpo e alma no cotidiano do ambiente educativo. Perceber os movimentos necessários para realmente interferir positivamente na trajetória dos alunos que, pela mitificação social ou por acreditar mesmo, vê na escola a possibilidade de ascensão a uma vida melhor e mais satisfatória. Preencher as lacunas da formação ineficiente e principalmente dar voz a cultura e conhecimentos pré-existentes dos educandos para, reconhecendo o caminho já percorrido, andar por outros que agreguem novas descobertas e possam instrumentalizar para uma mudança no rumo social e econômico vigente, caminhando assim, juntos, na busca de uma sociedade mais justa e de oportunidades para todos.

Dados de identificação

Nome(opcional): Professora B

Idade(opcional): 43 Etapa: _____

Tempo de Magistério na EJA:

Qual sua carga horária de trabalho semanal: 40hs

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Bel. Em Ciências Sociais

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Meu trabalho é com o público da EJA. Não estou em sala de aula.

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Não, não é satisfatória, e trabalho via contrato administrativo

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Quanto as condições (espaço físico, estrutura material) são boas. Quanto ao vínculo empregatício e valorização do profissional, deixa bastante a desejar...

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

Sim, trabalho com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, e eles fazem esse tipo de relato falado pelos professores .

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

Vejo os educandos acomodados. Há uma naturalização quanto ao discurso do professor. Eles (educandos) acabam acreditando que é assim mesmo.

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

Educadores se vitimando, se eximindo de algumas responsabilidades e acabam por culpabilizar o aluno.

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

Impotente, envergonhada. Mas não dá para desanimar, ainda acredito na Educação.

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

Acredito que deva partir dos educandos, uma organização deles em favor de uma educação de qualidade, com o forte apoio de educadores.

Dados de identificação

Nome(opcional): Professor C

Idade(opcional): 43 Etapa: Não entendi

Tempo de Magistério na EJA: 3 anos

Qual sua carga horária de trabalho semanal: Total: 50h, na EJA 8h/semanal, mais 8h/semanal de deslocamento.

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Bacharelado em Ciências Sociais. Não tenho.

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Respondido na 1.

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Minha remuneração é um pouco menos do que gostaria. Não conheço.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Tenho bastante autonomia e a estrutura da escola é adequada. Poderia haver maior suporte pedagógico e pagamento de horário de preparação de aulas.

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

Menos em aulas, mais em reuniões com colegas ou em estudos sobre.

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

Nada que lhes diga respeito. Diz respeito a nossa formação ou à falta dela.

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

Resposta anterior.

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

Penso sejam infantis, de adultos que não se colocam no lugar de educadores. Não me vejo nelas. Embora nem sempre consiga o melhor êxito em minha prática docente de conseguir dialogar e prender atenção. Nem na especialização, nós adultos-professores-estudantes, fugimos desse lugar do sono, da conversa lateral, etc. Talvez, esse ver(-se, -nos) fosse interessante.

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

A perspectiva da escuta, o co-aprendizado, da tolerância, do nos abirmos para a pequenez de nossos conteúdos que um dia ou outro não agradam todos. Também na busca de 'caminhos do meio', onde o diálogo não seja recurso retórico importante de nossos escritos e nota de rodapé em nossas práticas.

Dados de identificação

Nome(opcional): Professora D
 Idade(opcional)49 anos Etapa: 2
 Tempo de Magistério na EJA: 12 anos
 Qual sua carga horária de trabalho semanal: 60 horas

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Minha formação inicial é Pedagogia séries iniciais. Em minha formação inicial a EJA só foi contemplada em uma disciplina eletiva

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Sim. Atualmente de forma bem menos satisfatória, pois devido a juvenilização da modalidade as formações tem o enfoque distorcido tipo: educação especial na EJA, problemas de disciplina, etc, ou seja – não se trata mais nas formações da especificidade da EJA, seus norteadores teóricos, e sim de problemas específicos que não fortalecem a discussão

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Em termos de Brasil meu salário é um dos mais elevados da categoria, o que demonstra que em algum momento a política educacional na Prefeitura de Porto Alegre ocupou um lugar de destaque. Atualmente a discussão salarial é bem complicada e ano a ano nosso poder aquisitivo vem baixando. Falar em salário em educação é complicado. Acho que é uma luta que tem que ser assumida não só pelos trabalhadores em educação, mas sim pela população em geral, como no caso da destinação dos 10% do PIB.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Eu adoro trabalhar, acho mesmo que em uma medida acima do aceitável para uma pessoa normal. Trabalho 60 hs semanais e dentre estas horas 20 horas são na EJA. Acho que as condições de trabalho na escola em que atuo na EJA tem muito que melhorar, em todos os sentidos: segurança, relação da direção da escola com a modalidade EJA (valorizar, confiar, estimular, destinar mais verbas), alimentação para os alunos (existe, mas comparando uma escola com a outra deixa a desejar), limpeza, enfim a escola é deficitária em todos os aspectos.

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

A todo o momento. Na sala dos professores, em reuniões pedagógicas, na saída da escola, nas formações

6 O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

Estão simplesmente sendo jovens, como todos nós já fomos.

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

As causas são várias:

1. professor com carga horária elevada – já trabalhou o dia inteiro e sonha com a EJA de antigamente (onde havia mais adultos)
2. inadequação do currículo para os jovens (a EJA vem reproduzindo a escola do dia). Só que este jovem que está abandonando a escola do dia não vai modificar sua postura simplesmente porque está mudando de turno. Não se cresce do dia para a noite como um passe de mágica. O que deverá crescer é a consciência do grupo em verificar isto e formular uma proposta pedagógica coerente.

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

Eu nem me importo mais, elas se banalizaram. Cada reunião é como se estivéssemos no muro das lamentações. Só falta bater a cabeça.

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

- a. Estudar muito: começando pelo Parecer 2000 para ter bem presente o que significa trabalhar com a EJA
- b. Trabalhar em grupo os princípios da EJA
- c. Investigar a trajetória de cada aluno e trabalhar com a singularidade de cada um

Dados de identificação

Nome (opcional): Professora E

Idade (opcional): 43 anos

Etapa: _____

Tempo de Magistério na EJA: 04 anos

Qual sua carga horária de trabalho semanal: 60h (40h na Secretaria da Infância e Juventude e 20h na EJA)

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Graduação em Letras e Literatura Brasileira – não tenho formação específica para a EJA (é o que vim buscar nesta especialização)

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Na universidade não, mas como trabalho com a EJA, todas as formações (na escola) são direcionadas para esta modalidade, precisei buscar uma habilitação específica, neste curso, pois saí da graduação sem o preparo necessário para atuar com os alunos desta modalidade.

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

A minha remuneração não é satisfatória, tendo em vista o tempo disponibilizado para a prática da minha profissão que, além das 20h na escola, absorve ainda mais horas em casa (correção de trabalhos e provas, planejamento, busca de material para as práticas, etc.). Educador é a única profissão que não recebe nenhum adicional pelas tarefas extras. Conheço boa parte do Plano de Carreira, só que pelo fato de na minha cidade ter um dos melhores salários da região, acabamos nos acomodando e achando que ganhamos bem, só que em qualquer profissão a intenção é sempre se qualificar para melhorar o seu desempenho prático e financeiro, mas com os professores é sempre muito difícil as tratativas, principalmente com os governantes, porque tem a questão da chantagem emocional com os pais, alunos e sociedade em geral.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Considero-me uma privilegiada porque diante de tantas realidades que conheci tenho algumas vantagens que valem a pena, ainda, continuar no magistério. A rede municipal, onde trabalho dá sim condições de trabalho satisfatórias. Precisa melhorar alguma coisa? Sim, mas esta é lei natural de tudo, sempre temos que melhorar seja no profissional, seja no pessoal. Enfim, a educação não tem ocupado o lugar de prioridade merecida pelos governos há muito tempo. Gostaria que a educação fosse de qualidade em todos os lugares, para todas as pessoas em qualquer nível ou condição social, infelizmente digo que ainda é um sonho, mas o que nos anima que ainda é um sonho possível.

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

Já ouvi muito e, inclusive, já falei porque tem uns alunos que realmente nos fazem pensar em desistir pelo desânimo, imaturidade, desrespeito, desinteresse, etc., apresentados. Esta fala apreço sempre na escola.

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

Acho que já respondi na questão anterior, mas complementando: tem alunos que mesmo que o professor se esforça, entenda todas as dificuldades deles, traga coisas diferentes, leve-os a outros lugares, dê espaço para manifestação, reconheça todas as dificuldades da realidade deles, parece que nada os motiva, muitos dão a impressão de alienação, de não terem propósito de vida e aí fica muito difícil conseguirmos fazê-los entender a importância da educação para a vida deles ou simplesmente ajudá-los a melhorar a sua situação. É importante dizer que isso não acontece somente com os alunos das classes

mais baixas, os de melhores condições financeiras estão tão desmotivados quantos os das mais baixas.

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

Imaturidade de estrutura familiar, o costume de receber tudo pronto, a falta de responsabilidade (desde muito pequenos), o não comprometimento com as coisas e pessoas, a facilidade do dinheiro através do tráfico, os valores pessoais deturpados, etc.

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

Triste, preocupada, por vezes desanimada.

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

A solução para esta situação **não pode** recair somente em cima da figura do professor, é preciso uma mudança estrutural que comece na esfera federal e chegue até as escolas, propriamente ditas, na sala de aula, na postura do professor, mas sobretudo na postura do aluno, de se dar conta da importância, da necessidade, da finalidade que a educação como um todo (não só a cognitiva), pode produzir para a transformação da vida de cada um.

Dados de identificação

Nome(opcional): Professora F

Idade(opcional): 25

Etapa: _____

Tempo de Magistério na EJA: não atuo diretamente na EJA

Qual sua carga horária de trabalho semanal: 44 horas semanais

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Sou formada em Pedagogia, com habilitação em orientação educacional. Não possuo formação específica para a EJA, a não ser a especialização que estou concluindo agora.

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Após a graduação realizei um curso de extensão voltado a EJA e Educação Popular, na UFRGS e a especialização em EJA E Educação de Privados de Liberdade, também pela UFRGS. Fora isso, somente um disciplina na universidade tinha como tema principal a EJA. Percebo que a Educação de Jovens e Adultos fica um pouco de lado ao longo e após a formação. Geralmente focamos na área onde estamos atuando, e a deixamos de lado.

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Como atuo na área social, e não atuo como pedagoga também no local onde trabalho, acredito que a minha remuneração é satisfatória sim. A pedagogia tenta há algum tempo regulamentar um conselho, para que estas questões de plano de carreira, piso salarial não necessite ter de ser pego emprestado do magistério de um modo geral. Existe a AOERGS (Associação dos Orientadores Educacionais do Rio Grande do Sul), mas este não tem muita visibilidade, bem como não possui força política para alavancar estas questões da categoria.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Eu gosto do que faço, e o fato de possuir a contratação via CLT dá um pouco mais de “segurança” que por exemplo, como autônomo, forma comum de contratação na área social. Em termos de condições físicas, é satisfatório, tenho o que necessito para trabalhar. O que poderia melhorar no meu trabalho são as relações, as formas de lidar com o trabalho e com o funcionário da ponta. Deixarmos de pensar que estamos fazendo o favor de contratar as pessoas e sim nos darmos conta do quão importante elas são para o andamento do trabalho.

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

Eu atuo com crianças e adolescentes em situação de rua. A maioria deles, quando chega na adolescência, e quando retornam para a escola, já são inseridos logo para a EJA. Eles não possuem mais nenhuma noção do que é estudar, e possuem dificuldade com imposição de regras, horários, além da diferença, em muitos casos, na velocidade da aprendizagem, já que por questões da rua (drogas, violência, etc) a sua cognição foi comprometida. Estes podem ser alguns dos alunos da EJA em que os professores possuem falas como as citadas acima, e desistindo facilmente deste educando, ele não permanecerá na sala de aula por muito tempo.

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

Mudança de comportamento, atitudes mais expansivas ou até mesmo violentas, muitas vezes não se contentam com respostas prontas e questionam o professor, desvalorização da escolarização e do papel do educador (desrespeito), enfim, uma série de questões está ocorrendo com a sociedade, não é somente com o educando. Acho que a escola “parou no tempo”, não está acompanhando a sociedade, está fechada.

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

Uma possível intolerância entre os envolvidos, ninguém quer ceder um centímetro para tentar ouvir o que o outro tem a dizer e que pode levar a uma reflexão em todas as

partes, porque é muito improvável que está situação irá se reverter, como disse na questão anterior, é maior do que só a sala de aula. É a sociedade em transformação!

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?
Eu não sou professora da EJA.

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

Penso que é imprescindível tomarmos consciência de que o processo de ensino-aprendizagem deve ser reformulado, repensado, na medida em que podemos verificar nas escolas em geral um despreparo para colocar em prática a educação popular, inclusive na EJA, onde ela foi idealizada. Os recursos eletrônicos são de extrema importância nos processos educativos, se bem utilizados. É praticamente impossível pensar em uma aula sem utilizá-los, inclusive nas classes populares, já que o acesso à internet e demais meios de comunicação está cada dia mais frequente no cotidiano dos educandos e neste sentido, não pode estar muito distante da sala de aula. Em verdade, não existe somente um culpado em todos os equívocos apresentados nas charges acima, todos estão inseridos em um sistema maior e perverso, que provoca algumas atitudes, tanto por parte do educando, do educador e da sociedade como um todo.

Dados de identificação

Nome(opcional):__Professora G

Idade(opcional):_____24_____ Etapa:_____

Tempo de Magistério na EJA:___não atuo na EJA_____

Qual sua carga horária de trabalho semanal:___20 horas_____

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Matemática. Não.

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

È contemplada através do curso de Especialização.

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Eu não estou satisfeita com minha remuneração. Conheço.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Grau mediano. Gostaria que tivesse menos alunos por turma, acredito que com isso o trabalho realizado surtiria mais efeito tanto para professor quanto para os alunos.

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

Sim, no ambiente escolar onde tem professores de EJA: sala dos professores, intervalo de aulas, reuniões pedagógicas na escola, cursos de formação continuada.

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

Não entendi a pergunta.... Mas acredito que é o seu comportamento em sala de aula que faz com que eles sejam 'rotulados' dessa forma.

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

Acredito que a possível causa desse comportamento desses alunos jovens da EJA é a falta de sentido que eles atribuem à escola e ao fato de estar na escola estudando.

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

Não sou professor da EJA, mas temos alunos que se comportam assim no ensino regular. Me sinto desafiada todo dia, pois todo dia tento fazer com que as atividades que eles desenvolvem em sala de aula faça sentido. Tento mostrar a importância para suas vidas o fato de estarem na escola estudando e não na rua num ambiente de drogadição, violência, etc...

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

Acredito que temos que fazer com que eles percebam a importância de estar na escola, de se relacionar com as pessoas e os conteúdos apreendidos ali.

Dados de identificação

Nome (opcional): Professora H

Idade (opcional): 29 anos Etapa: Educação Social de Adultos

Tempo de Magistério na EJA: 3 anos

Qual sua carga horária de trabalho semanal: 40 horas

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Sou formada em Pedagogia Orientação Educacional, não possuo formação específica para educação de adultos.

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Atuo com Educação Social de adultos, na Prefeitura Municipal de Cachoeirinha e não possuímos formação continuada na área de EJA.

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Atualmente estou recebendo remunerações adicionais pelo tempo de serviço e pela comprovação de horas de capacitação (plano de carreira para todos os funcionários públicos). Bem como, adicional pelo exercício de um cargo de coordenação. Mas considero o salário base do Educador Social, baixo. É o de menor média dos municípios da região metropolitana, em comparação a carga horária de 40h, sendo que nos demais municípios são de 30h, e vem sendo discutido, através do sindicato dos municipais, a possibilidade de redução da carga horária. Conheço bem o plano de carreira.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Eu me satisfaço muito com o meu trabalho, minhas dificuldades estão mais ligadas às questões de relação do grupo (colegas) com o trabalho. Encontro muitas dificuldades em meu trabalho, por encontrar pessoas que aceitam suas funções, que não gostam do que fazem, que ficam no campo da “queixa” e não da construção. As condições estruturais também dificultam o trabalho, mas tenho como maior dificuldade a organização individual das pessoas em relação às funções que desempenham.

5. Você já ouviu falas desse tipo? Em que local?

Sim já ouvi. Como não atuo na escola, ouvi ao conversar com colegas da área da educação. Este é um discurso que já ouvi de professores que atuam com adultos e também com adolescentes de turmas que não são EJA.

Mas, presencio esta situação também na educação social (em meu local de trabalho principalmente) quando os educadores dizem que os moradores de rua não querem ajuda, que eles não querem nada com nada e que não adianta existir um serviço de atendimento social, pois eles não querem “se ajudar”. Estas são falas muito comuns nestes espaços também, e entendo esta situação como a facilidade, por parte dos profissionais, em projetar a culpa somente a estas pessoas. Esquecendo-se das situações de exclusão vividas e que trazem como consequência a vivência na rua.

6. O que os estudantes estão fazendo para merecerem esse tipo de comentário?

O que eles estão fazendo, na minha opinião, é não agir como os professores gostariam que eles agissem.

7. Quais as possíveis causas para seu acontecimento?

Talvez por que os professores também não estejam conseguindo compreender os motivos destas atitudes, para assim, poder oferecer opções que faça o aluno se interessar pela proposta escolar.

8. Sendo professor da EJA, como você se sente em relação a essas falas?

Quando ouço estas falas, sempre sinto um sentimento de desabafo. Vejo uma necessidade do ser humano em projetar, no outro, a culpa quando as coisas não dão certo, para não perceber-se participante de um processo que é conjunto. A culpa não pode ser só do aluno.

9. Em sua opinião, que perspectivas podem ser pensadas para que essas falas se desloquem, ou seja, para que essa situação se altere a favor da educação popular?

A possibilidade de atividades que interajam com a linguagem e com o universo dos alunos da EJA. Que as propostas de aprendizagem tenham sintonia com a forma como estes jovens-alunos se percebem na sociedade. Que a educação consiga mostrar-se para eles não apenas como uma possibilidade de formação pelo certificado de conclusão, mas que possa auxiliar e prepará-los para a interação com a sociedade e com a cultura destes jovens. E que o professor-educador compreenda seu papel nesta construção que é de mediar estas possibilidades.